

Mary Shelley (1797-1851)

Há 200 anos foi publicado o seu livro Frankenstein

M^a da Conceição Abreu

Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas (3Is), Av. Gama Pinto 2, 1649-003 Lisboa

mabreu@ualg.pt



Cortesia de Clara Queiroz

Uma pioneira na ficção científica? na ciência com ética? apenas uma jovem de 19 anos, culta, com experiência de vida e uma fértil imaginação?

"Frankenstein ou o Moderno Prometeu" (1) de Mary Shelley (ou Mary Wollstonecraft Godwin) foi publicado anonimamente no início de 1818. A obra foi entregue ao editor por Percy Shelley. O nome da autora aparece numa edição posterior de 1823 e numa edição revista por ela em 1831.

Mary Godwin, nome de solteira, começou a escrever "Frankenstein" numa noite de junho de 1816, com apenas 18 anos, noite de tempestade e relâmpagos, quando estava de férias/fuga numa casa vizinha à do célebre poeta Byron nas margens do lago de Genebra (Suíça). Não vou entrar em por-

menores sobre a vida de Mary. O excelente livro de Clara Queiroz (2) dedica-lhe cerca de 400 páginas e a foto de Mary neste artigo é uma cortesia da capa do referido livro.

Numa noite particularmente tempestuosa, estava reunido na Villa Diodati, casa de Lord Byron, um grupo formado pelo amante de Mary, Percy Shelley, que seria seu futuro marido, a sua meia irmã Claire Clairmont, que os tinha acompanhado nas férias e John William Polidori, médico e escritor, amigo de Byron. Este fez um desafio ao grupo de amigos para que escrevessem um texto inspirado, quer no estado do tempo, quer também nos muitos livros sobre fantasmas que havia nas casas que tinham alugado. O desafio era escrever sobre o terror, o desconhecido, o medonho, como estava a ser aquele verão.

Na realidade, no ano de 1816, denominado **Ano sem Verão, Ano sem um Verão, Ano da Pobreza** ou **Ano em Que não Houve Verão** (3), as anomalias climáticas severas destruíram a agricultura na Europa e até na costa leste do continente americano devido às consequências da violenta explosão do vulcão do Monte Tambora, na Indonésia, em abril de 1815.

Voltando à história desse desafio de escrita de um texto fantasmagórico, vingaram o Frankenstein, texto de Mary, e também a personagem do Vampiro de Polidori, uma obra de ficção de prosa curta publicada em 1819, mas iniciada naquele verão. O género vampiro romântico de ficção de fantasia viria a inspirar mais tarde a personagem Conde Drácula (1897). Há quem atribua a criação da figura de vampiro a Byron e admita que fosse discutida naquele momento entre Byron e Polidori, mas o texto é de Polidori.

Não vamos contar a história do Frankenstein, é melhor o leitor lê-la numa próxima oportunidade caso ainda não

o tenha feito. Vamos, de memória, referir os factos que nos levam a um dos subtítulos deste artigo: **Mary, pioneira da ficção científica?**

A obra tem um aspecto muito interessante: começa numa forma epistolar em que o jovem capitão Walton decide ir descobrir como chegar ao Pólo Norte e vivenciar o campo magnético terrestre nessas paragens. Durante a viagem, Walton mantém uma correspondência com a sua irmã Margaret, que fica em Inglaterra. Podemos dizer que esta parte epistolar é uma divulgação científica ou a primeira ficção do romance. Depois, numa fase avançada da viagem, já nos mares muito gelados no norte da Rússia, este jovem encontra um naufrago, um tal Victor Frankenstein, que se sente na obrigação de relatar ao seu salvador porque ali se encontra, e então Mary narra a história deste Victor na forma clássica de conto e aqui constrói uma segunda ficção. Começa por uma descrição da família dele e depois leva-nos até à sua vida na universidade, longe de casa, onde estuda química moderna, tem conversas com os seus professores, mas decide de modo completamente individual tentar criar vida inspirado no galvanismo. A partir dos restos dos cadáveres usados para aulas de medicina tenta construir um ser. Foi juntando pedaços e moldando essa criatura e para a fazer viver dá-lhe uma descarga elétrica, ou teve o acaso de um relâmpago que animou o ser. Como teve Mary esta ideia?

Ela conhecia e tinha mesmo assistido em Londres a demonstrações da denominada eletricidade animal, descoberta por Galvani anos antes no seu laboratório da Universidade de Bolonha, e posteriormente difundida pelo seu sobrinho Aldini, experiências concomitantes com as descobertas de Alessandro Volta, também ele da Universidade de Bolonha, nomeadamente a conhecida pilha de Volta. Nestas discussões também havia cientistas ingleses.

A criatura de Victor tem vastas capacidades: anda, apreende a ler e sabe viajar. É um ser inteligente e que rapidamente reconhece que devido ao seu aspeto cadáver e desajeitado (2,40 m de altura) não é aceite pelas pessoas com que se cruza, até pelos mais humildes a quem presta serviços. Esta vida de solidão e fuga fá-lo começar a chantagear Victor e inclusive a matar alguns dos seus queridos familiares, até acabar por exigir ao criador que este lhe crie uma companheira, com quem possa partilhar a sua vida, ameaçando-o de lhe causar ainda mais desgraças na família e entre os seus amigos. Victor promete a criação da tal companheira numa viagem que está a fazer com um amigo a Inglaterra (terra de Mary), mas por fim destrói a segunda criatura e aí começa uma perseguição sem fim da Criatura ao Criador. Para lhe fugir Victor embarca num navio em direção ao Norte e aqui, nesta fuga, Mary revela largos conhecimentos de geografia para além dos fenómenos magnéticos terrestres referidos. O fim do livro volta a ser epistolar, onde o jovem navegador Walton descreve à irmã estes acontecimentos finais e fatais para Frankenstein. Tudo acaba mal, morre o criador desaparece no nada a criatura e quase toda



Imagem retirada do Google

a família de Frankenstein morreu anteriormente às suas mãos.

Referidos os conhecimentos de Mary, podemos perguntar como estava ela ao corrente da eletricidade animal, das experiências dos cientistas mais notáveis da época (Galvani tinha falecido em 1798), como tinha tantos conhecimentos de viagens? Penso que a sua aprendizagem se deu no ambiente familiar. O seu pai era não só um filósofo importante e escritor, Godwin era ainda editor, acolhia intelectuais em sua casa e participava nas reuniões culturais de vários géneros, acompanhando não só os novos ideais políticos e sociais (revolução francesa) mas também as novidades científicas. É natural que Mary desde nova assistisse a essas sessões e, tendo uma mente vivaz e atenta, tenha usado estes conhecimentos no desenvolvimento da sua história. A educação é um dos bens a que todos devem ter acesso e ela, apesar da infelicidade de ter perdido, com poucos dias de idade, a mãe, uma ativista dos direitos das mulheres e igualmente escritora (4) tenha matutado se a eletricidade não podia, para além de fazer mexer as coxas de rãs, estar mesmo na origem da vida de um ser.

Hoje sabemos que eletricidade não dá vida a um ser, mas controla a vida de todos os seres. Basta lembrarmo-nos de que, quando num hospital vemos aquele aparelho junto ao doente monitorizando

continuamente o funcionamento do coração, registrando o que designamos por eletrocardiograma, estamos a ver os impulsos elétricos que fazem funcionar o coração. Quando morremos não existem mais impulsos elétricos, a morte é uma linha reta.

Como física, comecei por abordar os aspectos da ficção dita científica e em que em alguns pontos pode inclusive ser designada por divulgação, apesar de estar convicta que a obra de que falamos é de ficção. O outro subtítulo é **Mary pioneira da ciência com ética?** Teria Victor direito a tentar criar vida? Ainda para mais, dedicar-se a tão grande empreendimento, de modo solitário e em segredo? Penso que isto está presente nas nossas interrogações sobre não só a criação de computadores (2001 Odisseia no Espaço e a vontade de HAL9000 - *Heuristically programmed ALgorithmic computer*) ou até os Novos Frankenstein e as suas obras (5). Toda a pesquisa e "triumfos" científicos têm em geral os seus lados *Dr Jekyll and Mr Hyde* (6), desde a física nuclear, excelente para o diagnóstico e terapia médica e até produção de energia, mas por outro lado, com toda a sua aplicação bélica, destruidora de pessoas e do ambiente, moeda de troca em acordos entre países infernizando a vida dos povos etc. etc..

Falta responder à pergunta **apenas uma jovem de 19 anos, culta, com experiência de vida e uma fértil imaginação?** Não sendo especialistas em Mary Shelley, pode-se alvitrar que a morte estava muito presente na vida de Mary naqueles anos da 1ª edição (1818), desde a sua mãe, a Mary Wollstonecraft que morreu alguns dias depois da filha nascer, a morte das duas crianças que a própria Mary teve nos primeiros anos de relação com Percy, o suicídio da mulher deste que permitiu o casamento deles. Posteriormente, já entre a 1ª edição e as seguintes, morre mais uma criança, o próprio Percy Shelley morre afogado em 1822, Byron morre de febres na Grécia em 1824, Polidor morre (ou suicida-se) em 1821 e Alba ou Clara Allegra, a filha de Claire, a meia-irmã de Mary que tinha tido um caso com Byron de que resultou essa criança, também morre em 1822. Óbvio que naqueles tempos era muito frequente a morte na infância, e os poetas morrerem jovens, mas não há dúvida que os primeiros anos da vida de Mary estão repletos de lutos, privações e críticas sociais. A sua maior alegria, para além da paixão por Percy, deve ter sido o único filho que lhe sobreviveu, Percy Florence Shelley.

Porque neste artigo não entrámos nos detalhes científicos, o próximo número da Gazeta dedicará ainda no âmbito do bi-centenário do romance, um artigo sobre os conhecimentos de eletricidade

daquela época e o que conhecemos hoje no domínio da eletrofisiologia.

Recentemente a Biblioteca Nacional apresentou uma pequena mostra das várias edições portuguesas da obra e a bibliografia da autora (7).

No ano em que se fala de aprendizagens essenciais, flexibilidade e interdisciplinaridade, esperamos que este artigo inspire os colegas na flexibilidade curricular. Neste romance gótico, há ciências naturais e geografia, há aspetos de ética, foi escrito em inglês e tem inúmeras representações teatrais e cinematográficas. Na realidade, é um romance pluridisciplinar geniall.

1. Existem muitas edições portuguesas desta obra, refiro: a bilingue e que acaba de ser publicada, Mary Shelley, "Frankenstein", edição comentada bilingue português-inglês, da primeira versão de 1818, ed. Compasso dos Ventos, capa dura, 315 páginas; Mary Shelley, "Frankenstein ou o Prometeu Moderno," ed. Guimarães, 2001; e, em inglês, a clássica versão de "Frankenstein" by Mary Shelley, ed. Penguin Classics, 2003.
2. Clara Queiroz, "Quem tem medo de Frankenstein? - Viagem ao mundo de Mary Shelley", Ed. Guerra e Paz, 2014.
3. Wikipedia.
4. Mary Wollstonecraft, "Uma vendicação dos direitos das mulheres", Ed. Antígona, 2017.
5. "Os modernos Frankensteins", Carlos Fiolhais, Jornal Público 7 de fevereiro de 2018 pg.46.
6. Robert Louis Stevenson, "Dr Jekyll and Mr Hyde", publicado em 1886, ed. Longman.
7. "Frankenstein: 200 anos", Biblioteca Nacional, organização da mostra e do colóquio por Rogério Miguel Puga, CETAPS, NOVA-FCSH, exposição 9 jan - 8 fev de 2018 e colóquio a 27 setembro de 2017.